Dia 7 — Santa Regina ou Reina, Virgem e Mártir

Martirológio Romano

O glorioso martírio de São João, mártir, em Nicomédia; o qual, vendo os cruéis editos que estavam afixados na praça contra os cristãos, ardendo em zelo da fé, os arrancou e os fez em pedaços; e, havendo chegado a notícia deste feito aos imperadores Diocleciano e Maximiano, que à sazão se achavam naquela cidade, mandaram atormentá-lo com todo gênero de castigos; os quais sofreu o glorioso varão com tanta alegria que nem no rosto nem no ânimo se lhe notou o mais leve sinal de tristeza.

São Eupsíquio, mártir, em Cesareia da Capadócia; o qual, no tempo do imperador Adriano, sendo acusado de que era cristão, foi levado ao cárcere; pouco depois deram-lhe liberdade, e vendeu seu patrimônio, repartindo uma parte do preço aos pobres e a outra aos que o haviam acusado, como a seus benfeitores; mas, havendo-o voltado a prender, por sentença do juiz Saprício foi descarnado e atravessado com uma espada, e desta sorte alcançou a palma do martírio.

São Sozonte, mártir, em Pompeiópolis ou Palésoli, na Cilícia; o qual, havendo sido lançado a uma fogueira no império de Maximiano, entregou sua alma a Deus. (Era da Licaônia e, havendo entrado num templo gentílico da cidade de Pompeiópolis, levou uma estátua de ouro que nele havia, desfê-la, vendeu-a e distribuiu seu produto aos pobres. Havendo sido preso, confessou o feito e foi condenado ao martírio.)

Santo Anastácio, mártir, em Aquileia.

Santa Regina ou Reina, virgem e mártir, na diocese de Autun; a qual, no tempo do procônsul Olíbrio, depois de ser atormentada com a prisão, com o potro e com chapas ardentes, havendo-lhe cortado a cabeça, voou ao Esposo. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Nemório, diácono, e seus companheiros, martirizados por Átila, rei dos hunos, em Troyes.

A ditosa morte de São Evórcio, bispo, em Orléans, na França: o qual primeiramente foi subdiácono da Igreja romana e depois, por disposição divina e pelo sinal milagroso de uma pomba, foi feito bispo de Orléans.

Santo Augustal, bispo e confessor, na França.

São Pânfilo, bispo, em Cápua.

São Clodoaldo ou Cloud, presbítero e confessor, no território de Paris. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Santa Regina ou Reina, Virgem e Mártir

Tem-se por certo que a cidade de Alise, no bispado de Autun, condado da Borgonha, ou de Alésia, no país de Duesmois, parte da província de Auxois, perto da cidade de Flavigny, tão famosa na história pelo cerco que lhe pôs Júlio César quase cinquenta e dois anos antes do nascimento de Cristo: tem-se por certo, volto a dizer, que a cidade de Alise, hoje Alésia, foi pátria de Santa Regina, uma das mais ilustres Mártires do terceiro século. Nasceu pelos anos de 258, de pais tão distintos no país por sua nobreza como por sua cega adesão às superstições dos gentios. Poucos dias depois que nasceu, perdeu sua mãe; e seu pai Clemente viu-se precisado a dá-la a criar a uma ama que, por ventura, era cristã, sem que o pai, idólatra furioso e enraivecido, soubesse palavra disto. Não houve menina mais amável desde o mesmo berço, pelo que a ama lhe tomou tanto amor como se fosse sua filha; e a divina Providência, que a havia escolhido em meio ao paganismo para confundir a idolatria e para que triunfasse a Religião numa menina de dezesseis a dezoito anos, dispôs que encontrasse em sua virtuosa ama tudo quanto havia mister para ser uma cristã fervorosa.

As primeiras lições que lhe deu foram da Religião; e apenas sabia Regina explicar seu pensamento com a língua balbuciante, já dizia que queria ser cristã. Foi-o com efeito, porque a ama, depois de havê-la instruído nos primeiros princípios da Religião, a fez batizar secretamente; e, havendo mamado com o leite as verdades do cristianismo, crescia em sabedoria e em virtude à medida que ia crescendo em idade, sendo todo o seu gosto ouvir falar do valor da virgindade e da glória do martírio.

Havendo-a dotado o Senhor de uma rara formosura e de um excelente entendimento, desde logo compreendeu que a virtude da pureza, a que tinha tanto amor, era uma flor que se murchava estando exposta ao grande ar do mundo e que só se conservava em favor da sombra e do retiro. Quase nunca se deixava ver em público, passando a maior parte do dia nos oratórios secretos dos Cristãos e o restante do tempo recolhida sempre em seu quarto. O que não empregava na oração empregava lendo as atas dos Mártires, sentindo mais particular deleite em ler as vitórias das santas Virgens que haviam conseguido a palma do martírio; e, abrasada toda em amor de Jesus Cristo, resolveu não admitir nunca outro esposo, escolhendo por sua mãe a Rainha das Virgens. Dedicou, pois, a Deus com voto sua virgindade desde seus mais ternos anos; e, apesar de ser tão menina, tão terna e de uma saúde muito delicada, só suspirava ansiosamente pelo martírio. Sua querida ama tinha grande cuidado de confirmá-la nestes piedosos afetos, instruindo-a no mais

santo e no mais perfeito da Religião; e, prevendo que por sua extremada formosura estava exposta a sofrer grandes combates, prevenia-a contra todos os lances que lhe podiam suceder. Nunca mostrava Regina maior resolução que quando lhe pintavam com viveza os mais espantosos suplícios e os mais cruéis tormentos. «Tem por certo, ama minha, dizia com tom firme e determinado, tem por certo que, com a graça de meu divino Esposo, nenhuma coisa será capaz de espantar-me; e que antes os verdugos se cansarão de atormentar-me que eu de padecer. Não me abandonará, não, meu Senhor Jesus Cristo, em quem tenho posta toda a minha confiança.» Derramava a piedosa ama doces lágrimas de gozo, de ternura e de consolo ao ouvir estas palavras e, abraçando-a ternamente, dizia-lhe: «Espero, filha minha, que não hei de tardar muito em ver-te feita uma ilustre virgem e mártir.» Verificou-se muito logo este pressentimento ou vaticínio. Estava seu pai tão satisfeito da senhora em cuja casa se havia criado e educado sua filha que não quis tirá-la dela até que chegasse o caso de dar-lhe estado; e, ainda que corria algum rumor de que sua filha era cristã, não lhe pareceu conveniente examinar a fundo a verdade, ou porque não a cria, ou por não ver-se precisado, se as suspeitas passassem a realidades, a tirar Regina da casa onde estava a pensão e talvez também a castigá-la. Mas, por fim, as vantajosas conveniências que se lhe ofereceram, pretendendo-a por esposa os primeiros senhores do país, obrigaram Clemente a propor-lhe aquela que lhe pareceu mais rica, mais ilustre e de maior esplendor, passando a ser com ela a primeira senhora da Borgonha.

Regina ouviu com modéstia a proposição que lhe fez seu pai e, quando chegou o caso de falar, respondeu-lhe em tom firme, mas respeitoso: «Sei muito bem, pai e senhor, o terno amor que me professais e que, em virtude dele, todo o vosso anelo é fazer-me ditosa, e com este mesmo fim me propondes essa rica conveniência. Mas, senhor, se se achasse outra que fosse mais vantajosa para mim, não a abraçaríeis com gosto?» — «Sem dúvida, respondeu o pai; mas filha, que outro partido há em toda a província que possa fazer vantagens ao que acabo de propor-te?» — «O de ser cristã, repôs a Santa, e ter eternamente por esposo aquele que é verdadeiramente nosso único Deus, nosso Criador, nosso Salvador e nosso soberano Juiz.» — «Pois quê, filha minha, exclamou o pai, será possível que te hajam fascinado tanto, turbando-te a razão de maneira que te hajas resolvido a abraçar a extravagante seita dos Cristãos! Já me haviam querido persuadir que havias dado nessas ridículas superstições; mas eu nunca pude crer de teu bom juízo semelhante loucura.» — «Não tendes razão, replicou a filha, pai e senhor, para dar-lhe esse nome. Nunca tive mais juízo, nunca fui mais prudente nem mais discreta que quando logrei a dita de ser cristã; e espero que vós mesmo deixareis de ser pagão imediatamente que vos digneis prestar dóceis ouvidos às verdades de nossa Religião.» O pai, ou fosse de indignação ou fosse de ternura, voltou-lhe as costas; e, ao tempo de ir-se, disse-lhe em tom colérico: «Tu o pensarás bem, e verás se queres ter-me mais por tirano que por pai.» Logo que Regina se viu livre, voou a contar à sua ama a conversação que havia tido com seu pai; e, abraçando-a a ama estreitamente, deu-lhe os parabéns de tão ditoso princípio e exortou-a a que com a oração se dispusesse para o combate. Com efeito, irritado furiosamente o pai com a resolução da filha, chamou-a e começou a maltratá-la, depois de haver experimentado inúteis as carícias e as ameaças.

Por este tempo chegou a Marselha Olíbrio, governador das Gálias no império de Décio, pelo ano 253; e, passando a Alésia, informaram-no logo do lance que sucedia entre Regina e seu pai. O Governador quis vê-la pela relação que lhe fizeram de sua extremada formosura e das demais belas prendas que a acompanhavam. Apresentou-se Regina e, mal a viu, Olíbrio ficou enamorado

dela. Recebeu-a com respeito e, elogiando muito sua beleza, declarou-lhe sua paixão em termos que a qualquer outra donzela poderiam fazer titubear; mas Regina, fixos sempre os olhos no chão, com vergonhosa modéstia lhe respondeu que, tendo a dita de ser cristã, havia resolvido conservar-se virgem até a morte, preferindo a virgindade a todas as coroas da terra. Nem por isso desistiu o Governador; e, continuando em suas ternas lisonjeiras expressões, despediu-a, dizendo-lhe que esperava achá-la mais tratável no dia seguinte. «Muito vos engana, senhor, vosso coração, respondeu ela, se vos persuadis que possa eu mudar nunca de resolução: nem temo os tormentos nem me fazem força as promessas: meu partido está já tomado; e assim tomai vós o vosso.»

Havia-a já retirado à sua casa o pai da Santa; e, havendo-se valido sem fruto de todos os artifícios imagináveis para pervertê-la, lançou mão dos mais duros tratamentos; mas, como viu que nada adiantava, ele mesmo, por uma espécie de desesperação, foi delatá-la ao governador das Gálias. Mandou-a este comparecer outra vez em sua presença, com resolução de intimidá-la e até de valer-se dos tormentos para vencê-la; mas só sua vista o desarmou e lhe derreteu o coração. Falou-lhe em termos igualmente atentos, ternos e respeitosos que a primeira vez; ainda que, tomando depois um tom algo mais sério, disse-lhe: «É possível, senhora, que uma donzela de vosso espírito, de vosso mérito e de vossa qualidade se abata, se envileça tanto que queira ser serva de um miserável galileu, morto por seus delitos num afrontoso madeiro e fundador de uma extravagante seita que só tem por sequazes escravos vis e miseráveis? Tem, filha minha, mais honrados pensamentos: eu estou enamorado de ti e não quero reconhecer outra esposa; dando-me a mão serás uma das primeiras senhoras do império.» Ouvia todas estas lisonjas nossa Santa com a maior indiferença e frieza; mas, logo que o Governador acabou de falar, respondeu-lhe: «Senhor, esse que chamais galileu é o verdadeiro Deus: ele mesmo escolheu voluntariamente o gênero de morte que padeceu por nossa salvação: ele mesmo se ressuscitou por sua própria virtude: os milagres que obrou, e nos quais convêm até os mesmos gentios, provam sua onipotência e sua divindade. Estes mesmos pensamentos que agora mesmo está inspirando a uma terna donzela e o valor que me comunica para desprezar igualmente as mais lisonjeiras esperanças e os mais terríveis tormentos não são tampouco o menor de seus milagres.» Picou-se o Governador desta resposta e disse-lhe: «Já que minha bondade não te fez força, veremos se te fazem mais cordata os suplícios»; e mandou ao ponto que a levassem ao cárcere. Não pôde Regina dissimular sua alegria, mostrando-a no semblante e nas palavras. Encerrada no calabouço, passou toda a noite em oração, cumulando-a o Senhor de consolos celestiais que lhe acenderam o fervor e lhe inspiraram novo alento, começando desde então a esperar que lograria a dita de morrer virgem e mártir.

Não lhe sofreu o coração a Olíbrio o tê-la no cárcere por mais tempo. Sua paixão condenava sua dureza, dando-lhe esperanças de que ao cabo sua ternura e sua constância a venceriam. Mandou-a, pois, trazer à sua presença e falou-lhe com mais carinho, com maior eficácia que nunca, suplicando-lhe que não quisesse opor-se com obstinação nem à sua própria fortuna nem à maior dita do mesmo Olíbrio, sem omitir meio algum dos que podiam contrastar sua firmeza. Agradeceu-lhe a Santa cortesmente todas as suas atentas e carinhosas expressões; mas em ponto de religião e da resolução em que estava de não admitir jamais outro esposo que a seu Deus, falou-lhe em termos tão precisos, tão determinados e tão generosos que o Governador saiu fora de si; e, convertendo-se em furor toda a sua amorosa paixão, mandou que lhe metessem o corpo dentro de um arco de ferro, que se conserva hoje no mosteiro de Flavigny, o qual estava fechado com um cadeado pendente de uma cadeia do mesmo metal, e a cadeia presa à parede por uma e outra

extremidade. Tinha Olíbrio que fazer uma viagem à Alemanha e deixou ordem para que naquele mesmo estado a mantivessem no cárcere até sua volta, a menos que renunciasse a fé e abraçasse a idolatria. Era verdadeiramente cruel este novo suplício, em que esteve a Santa perto de um mês sem poder sentar-se nem deitar-se, continuamente dia e noite numa postura tão incômoda e padecendo grandes combates por todo este longo tempo. Seu pai, seus parentes e todas as pessoas de distinção que havia em Alésia acudiam sem cessar ao cárcere, dando fortes assaltos à sua fé e à sua heroica constância; mas aquela terna donzelinha de quinze anos manteve-se imóvel; e tanto que, quando Olíbrio voltou de sua viagem, não queria crer que perseverasse em seus primeiros propósitos e mandou-a comparecer diante de si. Logo que a viu, reviveram em seu coração o amor e a ternura, e rogou-lhe, solicitou-a e conjurou-a pelos mais fortes motivos e respeitos que renunciasse a religião cristã; mas, experimentando inúteis todas as suas tentativas, mandou que a estendessem no potro, que despedaçassem a açoites seu delicado corpo com ramais armados de pontas acetadas e que a atormentassem com a maior crueldade que fosse possível. Havia concorrido toda a cidade a um espetáculo tão horroroso; e, mal viu a gente correr o sangue daquele terno e delicado corpo, levantou de todas as partes tais gritos e alaridos que atemorizaram e até enterneceram o tirano. Mandou cessar aquele granizo de açoites e que voltassem a Santa ao cárcere. Passou em oração toda a noite e consolou-a o Senhor com uma visão. Viu uma cruz de prodigioso tamanho que chegava da terra ao céu e, no mais elevado dela, uma formosíssima pomba, cujo resplendor e formosura dissipou logo toda a lobreguez do calabouço. Ao mesmo tempo ouviu uma celestial voz que lhe dizia: «Bom ânimo, digna esposa de Jesus Cristo; tua virgindade e tua paciência já te mereceram uma coroa que logo receberás. A cruz te servirá de escada para subir à glória que já tens preparada.»

Logo que ouviu Santa Regina esta voz, desvaneceram-se-lhe todas as dores e sentiu-se animada de certo novo e mais vigoroso alento. No dia seguinte, parecendo a Olíbrio que era desaire e rubor seu mostrar-se vencido por uma menina de quinze anos, mandou que aplicassem fogo a todas as suas chagas, abrasando-a com tochas acesas e, para que lhe fosse mais sensível este tormento, ordenou que a metessem depois numa tina de água fria. Em nenhum dos tormentos sentiu a Santa a mais leve dor; e, como o povo estivesse assombrado de sua alegria e de sua tranquilidade, não cessava Regina de persuadi-lo de que tudo era efeito do poder do Deus dos Cristãos, o qual convertia em delícias os mais espantosos e os mais horríveis suplícios. Quando estava exortando o povo a que se convertesse, viu a mesma pomba que havia visto no cárcere, só que agora trazia no bico uma preciosa coroa, que lha pôs brandamente sobre a cabeça, e ao mesmo tempo se ouviu uma milagrosa voz que dizia: «Vem, Regina, vem reinar eternamente no céu com teu divino Esposo, vem receber o inestimável prêmio devido à tua perseverança.» Esta maravilha foi ouvida por todos os circunstantes, e converteram-se oitocentas e cinquenta pessoas, cujo sucesso fez temer ao Governador alguma sublevação, e mandou que ao ponto lhe cortassem a cabeça. Assim consumou seu glorioso martírio esta jovem heroína cristã no dia 7 de setembro, pelo ano de 253, no império de Décio.

Os Cristãos enterraram seu sagrado corpo em Alésia, onde esteve oculto todo o tempo que durou a perseguição; mas, logo que a Igreja gozou de paz, foi elevado da terra e colocado numa rica caixa. No princípio edificou-se uma capela em sua honra e, pouco depois, um mosteiro, que pouco a pouco passou a ser uma pequena vila com o nome de Santa Regina, por haverem-se multiplicado

os edifícios para recolher os muitos que concorriam, atraídos de sua devoção, para implorar a poderosa intercessão da Santa em todo gênero de enfermidades. O abade Widrad, fundador do célebre mosteiro de Flavigny, adornou e enriqueceu muito o sepulcro de Santa Regina. No ano de 864, Egil, abade de Flavigny, com permissão do rei Carlos, o Calvo, e com licença de Jonas, bispo de Autun, trasladou o santo corpo à igreja de seu mosteiro com grande pompa e solenidade: nela é reverenciado até o dia de hoje com prodigioso concurso de gentes que acodem a implorar sua intercessão.

O Beato Mateus de Agrigento

Este servo de Deus nasceu de pais nobres e ricos, em Agrigento, cidade do ducado da Calábria. Certo autor diz que eram espanhóis. Deu-lhe Nosso Senhor bom entendimento e coração de grande docilidade e muito amável. Nem em Agrigento, nem em Bolonha, onde fez admirável progresso nas ciências humanas, nem em outro algum dos povos onde esteve em sua juventude, deixou-se levar jamais deste oropel da vaidade nem das outras artes com que o demônio tem perdido tanta gente. Todo o afã de nosso Santo era como faria oração, como tiraria proveito dos sermões, como adiantaria na caridade. Florescia por aqueles tempos o grande pregador São Bernardino de Sena, cujo zelo havia ajudado muito à reforma dos costumes naquelas regiões. Nos sermões deste servo de Deus sentiu-se Mateus chamado à vida religiosa: o mesmo São Bernardino lhe deu o hábito da Ordem dos Menores. Propôs-se desde logo imitar o zelo e a caridade de seu santo mestre: deu-lhe o Senhor um espírito semelhante ao seu, com ele alternava no ministério da palavra, eram inseparáveis companheiros nesta conquista.

Sucedeu por este tempo que o rei Dom Afonso V de Aragão, movido da grande opinião que tinha de São Bernardino, a quem havia tratado em Nápoles, quis que a exata observância desta Ordem, que por zelo seu se havia restabelecido naquele reino, se introduzisse também em Valência, Aragão e Catalunha. Escreveu ao Santo que para este fim lhe enviasse frades de espírito e zelo como o caso o pedia. Não achou São Bernardino outro mais a propósito que Fr. Mateus, o qual, com seu companheiro Fr. Mestre, foi em Valência recebido dos Reis e de toda a cidade com as demonstrações de veneração e gozo que eram devidas ao crédito de sua virtude. Desde logo os reis Dom Afonso e dona Maria, sua mulher, resolveram fundar fora da cidade o convento chamado de Santa Maria de Jesus, no sítio onde estava a ermida de São Cristóvão. Era isto pelos anos 1428. Começou a lavrá-lo o beato Mateus. A cidade ajudou para o princípio da fundação com duzentos florins. Esta nova empresa não deteve no servo de Deus a carreira de sua missão apostólica. Ali mesmo pregava com o zelo de sempre, viam-se frutos maravilhosos de seu fervor, ouviam-no todos como a Apóstolo e como a Anjo do céu. Só num sermão do perdão dos inimigos, que pregou no convento de São Francisco da mesma cidade, na presença do Vice-rei, do Governador e do Ayuntamiento, observou-se uma extraordinária comoção no auditório, não se ouviam por todas as partes senão suspiros e prantos e expressões de muito vivo pesar: a voz em grito perdoaram-se cinquenta e nove homicídios no mesmo auditório, firmando-se o perdão com ato e escritura pública recebida por Jaime Fernando, escrivão real, em 22 de fevereiro de 1428. Reprimiu a licença e leviandade das mulheres perdidas, logrando que, enquanto ele pregou, não se visse nem uma sequer pelas ruas, o que ponderam seus historiadores como coisa de grande estranheza: a este

tenor viram-se outros frutos de sua caridade apostólica na reforma geral de Aragão. Além do convento de Santa Maria de Jesus, de onde saíram religiosos muito assinalados em virtude e doutrina, fundou também outros em Alicante, Saragoça e Barcelona.

No meio de tão louváveis tarefas, soube a perseguição que padecia São Bernardino. Mostrou desde logo desejo de voltar para lá para ajudar a seu glorioso mestre na boa causa que defendia. Resistiram-no com grande esforço o rei Dom Afonso e a cidade de Valência. Ao cabo venceu a constância do servo de Deus, e o Rei o proveu de tudo o necessário para sua viagem, expedindo para o efeito a correspondente cédula. À sua chegada à Itália deram-lhe o bispado de Agrigento, o qual admitiu por obediência, depois de havê-lo renunciado muito de coração. Havia-se em grande maneira relaxado o clero daquela diocese: especialmente se arrojavam muitos ao vício da simonia, por cujo remédio havia já trabalhado com grande fervor antes de vir à Espanha. Redobrou agora o esforço por ver se arrancaria esta má erva do campo que lhe havia mandado Deus cultivar. Voltaram-se contra o lavrador as árvores de cuja fecundidade se tratava. Acusaram-no em Roma de muito graves delitos perante Eugênio IV. Diziam que esbanjava malmente o patrimônio dos pobres e que com falso zelo havia perturbado a paz do clero e tirado-lhe a boa opinião. Estes cargos iam vestidos com cor de razão. Chamou o Papa nosso Santo para que respondesse. Fê-lo o bom Bispo com a eloquência da verdade e com a liberdade apostólica que é própria dos Santos. Mostrou ao mesmo tempo a verdadeira causa daquelas acusações, que era a ingratidão de seus súditos ao bom zelo com que procurava ele que não os levasse o diabo. Tais coisas disse que Eugênio, edificado e compungido, lhe deu graças por sua vigilância pastoral e o exortou a que no porvir não deixasse a sol nem a sombra os simoníacos. Os maus não se sossegaram com isto. Acusaram-no novamente; o Papa pôs-se da parte da razão, fomentando o zelo com que nosso Bispo, a cara descoberta, pelejava pela verdade e a santidade. Contudo, o servo de Deus, vendo a ojeriza que os maus eclesiásticos lhe tinham, creu que lhe era melhor, deixada a carga deste ofício, retirar-se à sua cela. O papa Eugênio IV condescendeu com seus rogos e admitiu-lhe a renúncia. Governou seu bispado pouco mais de três anos.

Quis retirar-se ao convento de Santa Maria de Jesus, que havia fundado ele fora dos muros de Palermo; mas, não encontrando naquela casa o recebimento que devia esperar, o que sem dúvida permitiu Deus para acrisolar com esta nova prova a virtude de seu servo, foi à casa dos Padres Conventuais, que estava dentro de Palermo, e nela foi recebido de braços abertos como correspondia ao mérito de sua pessoa e à alteza de sua dignidade. Divulgou-se logo a repulsa que Fr. Mateus padeceu no convento de Santa Maria de Jesus. O vigário provincial da observância, logo que soube isto, veio a Palermo ver se o caso tinha remédio e suspendeu de seu ofício o prelado daquela comunidade. O bispo ouviu com grande mortificação sua esta satisfação do vigário, alcançou dele que perdoasse aos culpados e, com a licença dos Padres Conventuais, voltou a seu convento da Observância. Nele passou o que lhe restava de vida: nunca deixou de pregar e confessar com o zelo de sempre. Havendo-lhe Deus enviado a última enfermidade, para que pudesse estar melhor assistido dentro da cidade passaram-no à enfermaria dos Padres Conventuais. Agravou-se a enfermidade, preparou-se para a morte com novo espírito e fervor; recebeu os Sacramentos com devoção e lágrimas e, havendo pedido com grande encarecimento que o enterrassem no convento de Santa Maria de Jesus, entregou seu espírito ao Senhor.

Morto o servo de Deus, os Conventuais, favorecidos da cidade, pretendiam ficar com suas relíquias. Os Observantes tiraram com violência o cadáver, favorecendo-os o céu com uma forte chuva que descarregou sobre os que pretendiam seguir o féretro. No ano 1612, em que o trasladaram da arca antiga de madeira a um magnífico sepulcro, estava incorrupto seu cadáver. Teve culto público mais de duzentos e cinquenta anos. O sumo pontífice Pio VI o colocou no catálogo dos bem-aventurados.

São Clodoaldo ou São Cloud, Presbítero e Confessor

Este Santo, chamado pelos franceses São Cloud, foi filho de Clodomiro, rei de Orléans, filho primogênito de Santa Clotilde, e nasceu no ano de 522. Mal contava três anos quando perdeu seu pai, morto na Borgonha, e ficou sob a tutela de sua santa avó Clotilde, juntamente com seus dois irmãos Teobaldo e Gontário, em Paris. Preparava-se a piedosa tutora para dar a seus netos uma educação santa e digna de seu nascimento quando seus ambiciosos tios, os reis de Paris e de Soissons, invadindo os Estados de Orléans, assassinaram com suas próprias mãos seus dois sobrinhos mais velhos, irmãos de Clodoaldo, o qual escapou de seu furor por uma especial providência do céu, e aqueles ficaram donos do reino. O jovem Príncipe retirou-se então à cela que habitava perto de Paris o piedoso solitário São Severino e ali aprendeu tão logo a verdadeira ciência da salvação que, ainda quando teve muitas oportunidades de recobrar os Estados de seus pais, ele mesmo cortou o cabelo, declarando com este ato que renunciava ao mundo e se consagrava a Deus. Esta vitória sobre si mesmo a sustentou constantemente com a humildade, mansidão e paciência; com a austeridade de vida, vigilância, contínua oração e meditação santa. Por este meio gozou numa estreita cela de uma paz que não podia ser interrompida pelas cenas de ambição e vaidade, e um pobre sajal lhe dava mais satisfação que a púrpura mais rica; em seu peito e em sua cela gozava de quanto podia apetecer no mundo; e todos os dias dava mais graças a Deus porque o havia tirado de Babilônia antes de ser infestado de sua corrupção.

Passado algum tempo, sendo para ele ocasião de muitas perturbações a proximidade de Paris, deixou sua primeira morada e retirou-se à Provença, onde viveu desconhecido por alguns anos. Mas suas virtudes e santidade o traíram e, vendo-se agobiado de visitas e de admiradores, voltou a Paris, onde foi recebido com as mais inequívocas mostras de alegria. A solicitação do povo foi ordenado de presbítero por Eusébio, bispo de Paris, no ano 551 e depois retirou-se a um sítio sobre o Sena chamado então Nogent e posteriormente São Cloud, a duas léguas da capital da França, onde erigiu um mosteiro. Reuniram-se-lhe nesta casa muitos homens piedosos que viveram sob sua direção e a quem o Santo alentava no caminho da virtude com suas instruções e com seu exemplo. Foi então que São Clodoaldo distribuiu todos os seus bens entre a Igreja e os pobres. O Senhor o chamou à pátria dos bem-aventurados no dia 7 de setembro do ano 560. O mosteiro foi depois convertido em igreja colegiada, onde se guardam suas relíquias, e o lugar é conhecido por seu nome.

Missa (oração)

A missa é em honra de Santa Regina, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui inter cetera potentiæ tuæ miracula, etiam in sexu fragili victoriam martyrii contulisti: concede propitius, ut qui beatæ Reginæ, virginis et martyris tuæ, natalitia colimus, per ejus ad te exempla gradiamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que, entre as outras maravilhas de vosso poder, fizestes levar a coroa do martírio até no sexo mais frágil, concedei-nos a graça de que, seguindo o exemplo de vossa virgem e mártir Santa Regina, cuja festa celebramos, possamos caminhar para vós por meio de sua imitação. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 1 da primeira que escreveu São Paulo aos Coríntios.

1 Coríntios 1,26-31

> **Latim:** 26 Videte enim vocationem vestram, fratres, quia non multi sapientes secundum carnem, non multi potentes, non multi nobiles : 27 sed quæ stulta sunt mundi elegit Deus, ut confundat sapientes : et infirma mundi elegit Deus, ut confundat fortia : 28 et ignobilia mundi, et contemptibilia elegit Deus, et ea quæ non sunt, ut ea quæ sunt destrueret : 29 ut non glorietur omnis caro in conspectu ejus. 30 Ex ipso autem vos estis in Christo Jesu, qui factus est nobis sapientia a Deo, et justitia, et sanctificatio, et redemptio : 31 ut quemadmodum scriptum est : Qui gloriatur, in Domino glorietur.

Português: 26 Vede pois, irmãos, a vossa vocação, porque chamados não forão muitos sabios segundo a carne, não muitos poderosos, não muitos nobres: 27 mas as cousas que ha loucas do mundo escolheo Deos, para confundir aos sabios: e as cousas fracas do mundo escolheo Deos, para confundir as fortes: 28 e as cousas vis, e despreziveis do mundo escolheo Deos, e aquellas que não são, para destruir as que são: 29 para que nenhum homem se glorie na presença d'elle. 30 E do mesmo vem serdes vós o que sois em Jesu Christo, o qual nos tem sido feito por Deos sabedoria, e justica, e santificação, e redempção: 31 para que, como está escrito: O que se glória, glorie-se no Senhor.

Reflexões

Escolheu Deus o mais fraco do mundo para confundir o mais forte. Os caminhos de Deus são essencialmente distintos dos nossos. Nós pensamos, discorremos e obramos como homens; Deus pensa e obra como Deus. O homem nunca obra com maior prudência no que empreende que quando acha conexão entre o fim que solicita e os meios de que se vale. Deus nunca mostra mais o que é que quando se serve de uns meios totalmente contrários a seus fins. Prevendo o Senhor, diz Santo Agostinho, que, se convidasse com sua religião em primeiro lugar o senador, o poderoso, o orador, poderia talvez dizer: «Não me convida a mim, convida a minha dignidade, minhas riquezas, minha eloquência», disse: «Vinde vós, pobres, porque vós nada sabeis, nada tendes, sois reputados em nada e, por isso mesmo, sois mais a propósito para que resplandeça mais em vós minha misericórdia e meu poder, lançando mão de vós para ganhar os grandes, para confundir os sábios e para converter o mundo; ninguém me disputará a glória desta grande obra nem se quererá levantar com ela.» Parece que devia Deus fazer este milagre, nem tampouco podia fazer outro maior nem mais visível. Doze pobres pescadores, e ainda mais grosseiros e mais idiotas que pobres, foram enviados a Roma, a Jerusalém e a Atenas para converter os judeus, os gregos, os romanos e, com eles, todos os povos, todas as mais bárbaras nações. Poderia haver empresa, poderia haver projeto mais extravagante, mais insensato, mais quimérico, segundo aquilo que se chama bom juízo, razão natural, sindérese e alcances da prudência humana? E se esses pobres homens, ainda que tão desprezíveis por seu nascimento, por sua figura e por sua grosseria, fossem ao menos pregar uma nova religião que em nada fosse superior às luzes da razão natural, uma doutrina acomodada ao gosto dos sentidos, que lisonjeasse a carne e se avivesse bem com as paixões e com o amor-próprio, adiante; ainda que todavia não deixaria de parecer risível e ter-se por extravagante o intento dos doze infelizes pescadores. Quem não se riria de que uns homens deste caráter empreendessem reformar o mundo, fazê-lo mudar de semblante e introduzir nele uma nova religião, fosse qual fosse? Assim discorreria a prudência humana; mas são tão escassas suas luzes como limitado seu poder. Pois reconheçamos já visivelmente o dedo de Deus nesta maravilha. Esses doze idiotas empreendem fazer adorar como único verdadeiro Deus a Jesus Cristo, que expirou num afrontoso madeiro; empreendem fazer crer os incompreensíveis mistérios da Trindade, da Encarnação, da Ressurreição, da Eucaristia; e tudo isto o empreendem sem armas, sem riquezas, sem artifícios, sem eloquência e sem alguma proteção nem auxílio humano; antes, quando todo o mundo se lhes opõe, todos os contradizem, todos levantam o grito contra eles, tratando-os de impostores, de loucos e de feiticeiros. Mas o melhor é que o empreendem e o conseguem. O grego sujeita todo o seu engenho e toda a sua sabedoria; o romano rende seu orgulho com toda a sua superstição; o judeu depõe suas preocupações; abatem-se por terra os ídolos, transtornam-se os altares dos mentidos deuses e começa o madeiro da cruz a ser o objeto de seu culto. Conspiram em vão todas as potestades do inferno com todas as potências da terra para afogar o cristianismo no sangue dos Cristãos: inúteis esforços! Nunca fez a Religião maiores progressos. Zombam umas donzelinhas de quinze anos dos tormentos mais cruéis, desafiam a barbaridade dos tiranos e fazem triunfar a fé até nas últimas trincheiras da idolatria. Libertinos, que tanto fazeis para sufocar esta mesma fé dentro de vosso coração, atribuí, atribuí agora estas maravilhas aos caprichos do acaso; ímpios, que já desterrastes do vosso inteiramente a fé, zombai agora destas maravilhas e gloriai-vos de vossa ímpia incredulidade, fazendo vaidade dela. Negai

tudo, não creiais nada, ou ao menos pondei tudo em dúvida, como o fazeis. Andai, andai, que, por assim dizer, vós sereis cristãos e católicos no inferno por toda a eternidade. Poderosos da terra e ricos do mundo, não, não fostes vós os instrumentos de que se valeu Deus para fundar sua religião, fostes sim os estorvos, os impedimentos de que o mesmo Senhor fez triunfar gloriosamente uns pobres homens sem letras e sem autoridade. Ó bom Deus, e que caráter de verdade tão notório, tão impresso e tão assinalado leva consigo nossa santa Religião! Em nenhum outro milagre se faz tão visível, tão palpável a divindade.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus.

Mateus 19,3-12

> **Latim:** 3 Et accesserunt ad eum pharisæi tentantes eum, et dicentes : Si licet homini dimittere uxorem suam, quacumque ex causa ? 4 Qui respondens, ait eis : Non legistis, quia qui fecit hominem ab initio, masculum et feminam fecit eos ? Et dixit : 5 Propter hoc dimittet homo patrem, et matrem, et adhærebit uxori suæ, et erunt duo in carne una. 6 Itaque jam non sunt duo, sed una caro. Quod ergo Deus conjunxit, homo non separet. 7 Dicunt illi : Quid ergo Moyses mandavit dare libellum repudii, et dimittere ? 8 Ait illis : Quoniam Moyses ad duritiam cordis vestri permisit vobis dimittere uxores vestras : ab initio autem non fuit sic. 9 Dico autem vobis, quia quicumque dimiserit uxorem suam, nisi ob fornicationem, et aliam duxerit, mœchatur : et qui dimissam duxerit, mœchatur. 10 Dicunt ei discipuli ejus : Si ita est causa hominis cum uxore, non expedit nubere. 11 Qui dixit illis : Non omnes capiunt verbum istud, sed quibus datum est. 12 Sunt enim eunuchi, qui de matris utero sic nati sunt : et sunt eunuchi, qui facti sunt ab hominibus : et sunt eunuchi, qui seipsos castraverunt propter regnum cælorum. Qui potest capere capiat.

Português: 3 E chegára-se a elle os Fariseos tentando-o, e dizendo: He por ventura lícito a hum homem repudiar a sua mulher, por qualquer causa? 4 Ele respondendo, lhes disse: Não tendes lido, que quem creou o homem desde o principio, féllos macho e femea? e disse: 5 Por isto deixará o homem pai, e mãi, e ajuntar-se-ha com sua mulher, e serão dous n'huma só carne. 6 Assim que já não são dous, mas huma só carne. Não separe logo o homem o que Deos ajuntou. 7 Replicárao-lhe elles: Pois porque mandou Moysés dar o homem a sua mulher carta de desquite, e repudiála? 8 Respondeo-lhes: Porque Moysés, pela dureza de vossos corações vos permitiu repudiar a vossas mulheres: mas ao princípio não foi assim. 9 Eu pois vos declaro, que todo aquele que repudiar sua mulher, se não he por causa de fornicação, e casar com outra, commette adulterio: e o que se casar com a que outro repudiou, commette adulterio. 10 Disserão-lhe seus discípulos: Se tal he a

condição de hum homem a respeito de sua mulher, não convem casar-se. [11] Ao que elle respondeo: Nem todos são capazes d'esta resolução, mas sómente aquelles, a quem isto foi dado. [12] Porque ha huns castrados, que nascerão assim do ventre de sua māi: e ha outros castrados, a quem outros homens fizerão taes: e ha outros castrados, que a si mesmos se castrrão por amor do reino dos ceos. O que he capaz de compreender isto, comprehenda-o.

Meditação

Sobre a tentação

Primeiro ponto

Considera que a tentação é prova e é perigo, por quanto é um laço que nos arma o inimigo da salvação. Sendo tão engenhoso quanto maligno, estuda nosso humor, nosso natural e, singularmente, aquela particular propensão que se tem ao mal e a tal determinada espécie de mal; isto é, nossa paixão dominante. Logo que descobre o flaco da praça, começa a investi-la atacando e destruindo as obras exteriores: exercícios espirituais, delicadeza de consciência, exatidão na observância, fuga de certos objetos, devoções ternas, modéstia escrupulosa, fidelidade nas coisas pequenas, temor das mais ligeiras faltas, penitências e mortificações. Estas são as que se chamam obras exteriores, ou avançadas e fortificações que cobrem o corpo da praça. Uma vez destruídas aquelas, não é possível que esta faça longa resistência. O demônio, como inimigo fino, sagaz e vigilante, sabe tomar bem suas medidas, lograr o tempo e aproveitar as ocasiões de surpreendê-la. Confia-se sempre em certa boa vontade, naquele antigo horror a todo pecado grave, e promete-se alguém a si mesmo com segurança uma vigorosa resistência. Mas deixou-se arruinar ou desmoronar o que servia de dique contra a corrente? Familiarizou-se alguém com as faltas pequenas? Pois chegam de repente com ímpeto e tumulto os pecados graves quando menos se pensa. O demônio está perpetuamente de espia e, vendo a alma, por assim dizer, descoberta, espera a presença de certo objeto, a vivacidade ou o crescimento da paixão, a favorável disposição do ânimo e dos humores. Então se apresenta o inimigo, joga todas as suas máquinas, põe em movimento todos os seus artifícios e descarrega o golpe mortal antes que se pense nele. Meu Deus, quantas vítimas se degolam, quantos escravos se fazem num só dia! Há tentações que vêm com muita bulha; são perniciosas, na verdade, mas surpreendem pouco: há-as mudas, e estas não são as que menos se devem temer: há-as lisonjeiras, cortesãs e carinhosas; estas são as que jamais erram o golpe. É a vida do homem uma perpétua guerra: nela tudo são emboscadas, tudo perigos. Desditoso daquele que não está continuamente com as armas na mão: desditoso do que não está sempre alerta. Como nos portamos neste ponto? Qual é nossa vigilância, nossa atenção e nosso trabalho? «Velai e orai sem cessar, diz o Salvador, para que não vos surpreenda o inimigo, que nunca dorme.» Não nos remorderá nada nossa consciência neste particular?

Segundo ponto

Considera que nem sempre é o demônio autor da tentação: nós mesmos somos muitas vezes nossos próprios tentadores; nós nos armamos os laços e nos fabricamos os precipícios em que nos precipitamos miseravelmente. Nossos maiores e mais poderosos tentadores são nossas mesmas paixões. Nós mesmos nos divertimos e gostamos muito de sustentar estas feras que nos despedaçam e nos devoram. Quantas vezes, cansados de nossa tranquilidade, vamos buscar a funesta origem de nossas mais perigosas inquietudes! E depois atribuímos ao demônio as desgraçadas quedas de que fomos nós os únicos autores. Vai-se buscar a tentação até em sua mesma origem; vão-se provocar a sangue frio até naquelas ocasiões que, por assim dizer, não se haviam feito para nós. Gasta-se dinheiro para comprar os perigos de que por nosso estado e por nossa idade estávamos isentos. Por puro gosto assiste-se àquelas concorrências onde estão unidas todas as tentações; sem mais precisão que a do antojo concorre-se àqueles espetáculos onde já se sabe que estão como convocados todos os artifícios do inimigo. Estreitam-se amizades e conversações em que não se ignora que se brinda o veneno sem dissimulação e descobertamente. Excita-se muito de estudo o fogo que já estava apagado e, depois que a alma se abrasou, diz-se que o diabo causou o incêndio. Dize-me, que fatal necessidade tinhas de assistir a esses espetáculos nem de beber, digamo-lo assim, pelos olhos e pelos ouvidos aquele mortal veneno? Não será coisa graciosa que atribuas ao demônio aquelas conversações ternas, lisonjeiras e perigosas? Expuseste-te por teu regalado gosto a um ar infeccionado; e depois te queixas do estrago que a peste fez em tua alma. Um anacoreta de profissão sai sem necessidade do deserto, onde estava bem defendida sua inocência; uma pessoa religiosa quer ver o mundo mais de perto e derrama-se em conversações inteiramente secularizadas, em espairecimentos totalmente profanos, em discursos vãos e perniciosos; e depois se queixa de que sente pouca devoção, de que padece distrações de espírito e, enfim, de seus descaminhos e de suas funestas quedas! Confessemos, pois, que de ordinário nós mesmos somos os artífices de nossas mais lastimosas desgraças. Nem sempre é o tentador nosso maior inimigo; e assim atribuamos a nós mesmos nossas próprias desditas.

Meu Deus, quanta matéria para reflexões me oferece minha própria malícia! E quanto me acusam estas mesmas reflexões! Que vitória posso prometer-me das tentações que eu mesmo busco e a que me exponho por meu antojo? Assisti-me, Senhor, com vossa graça contra as tentações; mas não permitais que eu seja o maior tentador de mim mesmo. Espero que de agora em diante não terei mais de que acusar-me neste particular.

Jaculatórias

Bem-aventurado aquele que está sempre temeroso. (Pr 28.)

Trabalhemos no negócio de nossa salvação com temor e tremor. (Fl 2.)

Propósitos

1. A maior parte das tentações nascem em nosso próprio terreno; todas encontram inteligência e apoio em nós mesmos. Portanto, é mister estar sempre alerta contra nosso próprio coração. Em lograndando a ocasião, nos fazem traição todos os nossos sentidos ao menor sinal; ao menor ruído despertam as paixões que pareciam mais adormecidas e apagadas. Entra-se com segurança nas ocasiões, com o pretexto de que não há perigo quando o coração está regrado: mas, mal se entra nelas, a paixão se amotina.

Serão muito poucos aqueles a quem não o tenha ensinado assim sua mesma triste experiência. Escarmenta em cabeça própria, ou ao menos na alheia. Foge das ligeiras ocasiões; não te fies de tua perseverança, nem de tuas vitórias, nem de tuas penitências, nem de tua idade, nem de tua devoção. Nossas paixões nunca morrem antes que nós; nunca envelhecem nem decaem. Evita, quanto puderes, concorrências ou conversações e familiaridades com pessoas de diferente sexo. Não assistas a espetáculos profanos, nem àquelas diversões em que reina o espírito do mundo. É prudência desconfiar de si em tudo; o pretexto de piedade, de caridade, de obra de misericórdia foi, não poucas vezes, fatal escolho em que deu ao través a mais austera virtude.

2. Aquela temporada de retiro à casa de campo para lograr o bom tempo é muito ocasionada e favorece muito o tentador; pelo que é mister fazer provisão de grandes precauções. Não está isenta de tentações a solidão, nem sequer o deserto. Imita aquelas grandes almas que a todas as horas renovam sua vigilância com algum ato interior ou também com alguma breve oração vocal. Sobretudo, guarda-te muito de certos espairecimentos de coração; porque nunca é mais de temer a tentação que nas demasiadas alegrias.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:18 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:18 by Admin